

dezenas de páginas antes de deparar com uma passagem que ilumina todo o universo com um clarão tão vivo quanto breve. Mas este tipo de pesquisa vale a pena.

Encontramos aí satisfações que nenhuma outra leitura nos oferece, exceto, talvez, a ficção científica nos seus momentos mais inspirados. Os autores da ficção científica, em geral, não parecem, infelizmente, ter lido estes livros de ciência. Quanto aos filósofos, jamais ouviram falar deles.

Um Sartre falará durante centenas de páginas da essência e da existência, sem sequer saber que a corrente alternada que o ilumina transforma-se sessenta vezes por segundo de essência em existência e reciprocamente.

E lembro-me de uma discussão que mantive com Camus sobre *Le Mythe de Sysiphe*. Observei que quando o rochedo rola para baixo, Sysiphe pode recuperar a energia perdida fabricando uma corrente elétrica, como se faz comumente com as quedas d'água. E Camus disse-me: "Podemos então fazer uma corrente elétrica com um objeto que cai?" Não insisti.

Que nome devemos dar a esta visão do universo que se desprende da leitura dos grandes cientistas tão bem quanto da observação da vida quotidiana?

Tomei emprestado ao escritor belga Franz Hellens a expressão: "realismo fantástico". Acho que esta expressão é útil, desde que não a façamos expressar mais do que contém.

O real, visto um pouco mais de perto, é fantástico. Já é uma boa coisa observá-lo. Porém, a esta fase de interpretação deve suceder uma outra fase de interpretação, em seguida, uma fase de síntese.

Tudo quanto pretendo é divertir e distrair. Para citar Conan Doyle:

"Terei alcançado meu objetivo, em suma,
Se divirto filosofando
A criança que não passa de um pequeno homem,
O homem que não passa de uma criança grande."

Contudo, gostaria que alguns espíritos fossem muito mais longe do que eu, e fizessem teorias gerais que levassem a uma explicação. Se estas teorias levantam mais problemas do que resolvem, acho que a humanidade necessita delas com urgência.

Não se deve contar comigo para criá-las. Por mais megalômano que seja, não me considero um Boscovitch.

Penso que as características essenciais de um pensamento realmente moderno seriam:

— o abandono do postulado fundamental da ciência, o da objetividade do universo. Será preciso admitir que determinadas forças do universo têm uma personalidade, ainda que esta seja muito diferente da personalidade humana;

— abandono da distinção arbitrária entre o espaço interior e o espaço exterior. Nós vivemos numa interface entre os dois, mas esta interface não é necessariamente contínua e não tem necessariamente uma das formas geométricas simples a que estamos habituados;

— formulação de uma física geral que derive da psicologia e da biologia. O reducionismo que tenta explicar a psicologia e a biologia pela física, o pequeno pelo maior, está fadado ao fracasso.

A tentativa inversa pode dar alguns resultados. Uma teoria deste tipo talvez venha à mente de um dos leitores deste livro, e quando sua obra for estudada, talvez nos apercebamos de que um determinado número de livros loucos como este ter-lhe-ão sido úteis.